

**APARIÇÕES VISUAIS DOS MORTOS: SENSIBILIDADES E NARRATIVAS DE  
CATÓLICOS DA REGIÃO DO CARIRI/CE**

**VISUAL APPARITIONS OF THE DEAD: SENSITIVITIES AND NARRATIVES OF  
CATHOLICS IN THE CARIRI/CE REGION**

**APARICIONES VISUALES DE LOS MUERTOS: SENSIBILIDADES Y NARRATIVAS DE  
LOS CATÓLICOS EN LA REGIÓN CARIRI/CE**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-123>

**Data de submissão:** 15/08/2025

**Data de publicação:** 15/09/2025

**Cícero Joaquim dos Santos**

Doutor em História Social

Instituição: Universidade Regional do Cariri

E-mail: joaquim.santos@urca.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4970627821671141>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4897-4336>

**RESUMO**

O artigo analisa narrativas orais de católicos idosos da região do Cariri, no Ceará, sobre aparições visuais dos mortos. A partir da metodologia da história oral, o estudo investiga experiências de visagens, caixões nas estradas, procissões de almas e o fogo corredor, compreendendo-as como expressões simbólicas que articulam memória, imaginário e sensibilidade. As narrativas revelam a permanência de crenças religiosas que concebem a morte não como ruptura definitiva, mas como passagem permeada por temporalidades diversas, nas quais os mortos continuam a interagir com os vivos por meio de funções pedagógicas, punitivas ou vingativas. O artigo mostra como essas narrativas orais ressignificam experiências coletivas e individuais, atualizando sensibilidades históricas e reafirmando a continuidade de crenças religiosas sobre a morte e os mortos no presente.

**Palavras-chave:** Memória. Narrativas Orais. Mortos.

**ABSTRACT**

The article analyzes oral narratives of elderly Catholic residents from the Cariri region, in Ceará, about visual apparitions of the dead. Based on the oral history methodology, the study investigates experiences of ghostly visions, coffins on roads, processions of souls, and the “fogo corredor” (wandering fire), understanding them as symbolic expressions that articulate memory, imagination, and sensibility. The narratives reveal the persistence of religious beliefs that conceive death not as a definitive rupture, but as a passage permeated by diverse temporalities, in which the dead continue to interact with the living through pedagogical, punitive, or vengeful functions. The article shows how these oral narratives re-signify collective and individual experiences, updating historical sensibilities and reaffirming the continuity of religious beliefs about death and the dead in the present.

**Keywords:** Memory. Oral Narratives. Dead.

**RESUMEN**

Este artículo analiza las narraciones orales de ancianos católicos de la región de Cariri, Ceará, sobre las apariciones visuales de los muertos. Utilizando la metodología de la historia oral, el estudio

investiga las experiencias de visiones, ataúdes en los caminos, procesiones de almas y el fuego que corre, entendiéndolas como expresiones simbólicas que articulan la memoria, la imaginación y la sensibilidad. Las narraciones revelan la persistencia de creencias religiosas que conciben la muerte no como una ruptura definitiva, sino como un pasaje permeado por diversas temporalidades, en el que los muertos continúan interactuando con los vivos a través de funciones pedagógicas, punitivas o vengativas. El artículo muestra cómo estas narraciones orales resignifican experiencias colectivas e individuales, actualizando sensibilidades históricas y reafirmando la continuidad de las creencias religiosas sobre la muerte y los muertos en el presente.

**Palabras clave:** Memoria. Narrativas Orales. Los Muertos.

## 1 OS MORTOS E OS CAMINHOS DESTA ESCRITA

As crenças em torno da morte, dos mortos e de suas manifestações entre os vivos atravessam séculos e continuam presentes no imaginário religioso do Brasil contemporâneo. Nas artes da oralidade na região do Cariri, localizada no sul do estado do Ceará, no Nordeste brasileiro, muitos narradores descrevem encontros com almas penadas, visagens, procissões de defuntos, caixões que surgem nas estradas, fogo corredor, figuras espirituais e outras criaturas que irrompem sobretudo no período noturno (Freire Bezerra, 2011; Santos, 2017a). Essas experiências, transmitidas oralmente, não constituem apenas fragmentos de histórias de assombração contadas para amedrontar, mas sim configuram modos singulares de compreender a morte, os mortos e suas idas e vindas entre o mundo terreno e o além-cristão.

Nesse universo simbólico, os mortos não se encontram encerrados em um silêncio. Ao contrário, continuam a interagir com os vivos, assumindo funções diversas — ora pedagógicas e exemplares, ora punitivas e vingativas. Mediante aparições sonoras, visuais, tátteis (Schmitt, 1999; Santos, 2017a), olfativas e oníricas (Santos, 2017ab), os mortos castigam, advertem, confundem, protegem ou ensinam, atualizando uma visão da morte como passagem permeada por diferentes temporalidades (Santos, 2024, 2023ab). Ao revisitarem essas experiências, os narradores ressignificam memórias e sensibilidades históricas que reafirmam a permanência e a atualidade das crenças e sensibilidades religiosas sobre os mortos e seus trânsitos.

Esses primeiros escritos e outros saberes foram construídos durante o desenvolvimento da minha pesquisa de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC). Defendida em junho de 2017, a tese intitulada *A mística do tempo: narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE*<sup>1</sup>, problematizou as narrativas orais de católicos sobre aparições dos mortos no mundo terreno e seus trânsitos no além-cristão, tomando como hipótese central a ideia segundo a qual as relações que os vivos constroem com a morte e com os mortos tomam como referência a *ordem cristã do tempo*. Apresentada por Hartog (2013), tal ordem está estruturada na ideia (e no desejo) de eternidade. Nesse horizonte reflexivo, as temporalidades sobre a morte e os mortos foram problematizadas a partir das sensibilidades dos narradores.

Nesse estudo, falo a partir do campo da história da morte, dos mortos e do morrer, dialogando com aportes da história cultural, com destaque para as sensibilidades fúnebres e religiosas (Santos, 2017a). Faço aqui uma história sensível dos mortos. Analisando as narrativas orais a partir dos

<sup>1</sup> O desenvolvimento desta pesquisa contou com o financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos pela orientação generosa e acolhedora.

conceitos **memória** (Portelli, 2016, 2013, 2004), **imaginário** (Le Goff, 1994) e **sensibilidade** (Pesavento, 2007; Santos, 2017b) analiso como as narrativas sobre aparições terrenas e oníricas dos mortos operam enquanto testemunhos do vivido e do sonhado. A articulação entre o visível e o invisível, entre o dito e o não dito, confere densidade simbólica a experiências que, embora possam parecer extraordinárias, são profundamente ancoradas na vida cotidiana, nas práticas devocionais e nas temporalidades da morte, do morrer e dos mortos (Santos, 2023).

Mediante os encontros dialógicos construídos a partir da **história oral**, entendida como a arte da escuta e das relações (Portelli, 2016), o acervo de entrevistas foi produzido entre 2012 e 2015, com idosos, católicos, residentes nos espaços urbanos e rurais do Cariri, integrantes ou ex-membros de grupos e irmandades religiosas. Seguindo a perspectiva de Alessandro Portelli (2013), as entrevistas orais são compreendidas como construções dialógicas, portanto, subjetivas. Mais do que verificar a veracidade empírica dos fatos narrados, trata-se de apreender como os sujeitos elaboram, significam e ressignificam as experiências narradas.

Nos recortes deste artigo, objetivo analisar algumas narrativas orais produzidas, destacando a maneira como os mortos se manifestam e se inserem no tecido da vida social e religiosa. Busco compreender de que modo as memórias sobre aparições visuais (visagens, caixões, procissões de almas e fogo corredor) desnudam acepções e sensibilidades sobre a morte e sobre a continuidade da vida além-túmulo.

## 2 O ‘FUNARÉ’ DOS MORTOS

Quando eu construía a rede de narradores em potência para a pesquisa, conversei, em abril de 2015, com Seu Antônio Sales, um agricultor aposentado e decurião do grupo de penitentes Irmandade da Cruz, do sítio Cabeceiras, zona rural do município de Barbalha. Seu Antônio, como é conhecido, tinha 71 anos quando nosso encontro dialógico mediado por meu gravador digital ocorreu, na sua residência. Naquela ocasião, ele narrou sobre um “negócio” que o assombrou:

**Joaquim:** E o senhor já viu alguma alma?

**Seu Antônio:** Não.

**Joaquim:** Mas já viu alguma assombração?

**Seu Antônio:** Eu já vi um negócio que me assombréi, mas a coisa não deu pra me assombrar direito né?

**Joaquim:** Mas como foi essa história?

**Seu Antônio:** Isso foi assim, tá com mais ou menos um mês. Que eu só ando de noite, tarde da noite, tá aí a mulher que prova, eu só ando tarde da noite. [...] do finado Sebastião, nós cantemos até bendito lá, que ele sabe cantar muitos benditos. Eu vinha descendo aí quando cheguei, aí tem uma ladeira, aí, aí a máquina passou e ajeitou, a máquina. Aí o dono da terra com raiva, fez um quebra mole muito grande. Aí eu vinha descendo de noite, com base de dez e meia da noite. Que eu sai da casa de zé Sebastião, era umas dez horas da noite. Então, quando eu cheguei lá, tem uma casinha lá, de minha afilhada. Eu fui quando olhei, olhei logo o buraco

né? Que lá tem um buraco pro povo num passar com carro né? Aí quando eu olhei tinha um homem estirado. Aí eu digo:

— Num tive medo.

Eu tive mais medo de o povo ter matado o homem, ou a moto ter matado o homem, ou um carro barroado, num é assim? ou a pessoa ter matado. Então, eu pensei isso:

— Então, eu vou passar bem por longe e vou caminhar ligeiro.

Aí olhei pro homem e fui arredando pro lado e tombando lá pro lado dos buracos. Quando eu passo um pouquinho, um pouquinho, como daqui nesse outra casa aí [gesticula com as mãos] aí lá vinha um carro, alumiou, alumiou meu rosto. Eu digo:

— Aqui tá sem jeito. Agora vamos ter que provar e num tem mais o que fazer.

Eu pensei no sentido logo. Aí o carro veio: - pan, pan, pan. Aí baixou a luz pra poder passar no buraco. Abaixou a luz, eu só olhei e tava limpo. Num tinha nada, nada, nada. Então, eu esperei, o carro passou por eu. Que eu não ia me meter na frente do carro. O carro passou e eu num vi nada. Aí eu tive um pouquinho de medo né? Aí quando eu fiquei com medo aí eu fui caminhando. Lá vinha uma moto. A moto passou no mesmo canto. Quando a moto chegou foi que meu cabelo baixou um pouquinho. Quando eu não vi nada foi que eu tive medo. Entendeu? Aí por isso eu acho que deve ser uma coisa que existe, e eu num sei dizer não. E tá com muitos anos que eu ando por todo canto e nunca vi nada. Nunca.

**Joaquim:** E isso era uma alma?

**Seu Antônio:** Eu num sei o que era. Num posso dizer o que era nada. Sei que. Aí eu conversando com Zé Sebastião, ele dizia que ali aparecia um caixão de defunto né. O povo corria com medo do caixão. Ele conta.

**Joaquim:** Como era a história desse caixão?

**Seu Antônio:** Num sei. Ele contou a mim só a história que o povo dizia. Que via um caixão de defunto né? Ele disse:

— Muita gente, compadre Antônio. E você ainda vai ver.

Eu disse:

— Será compadre? Aí eu deixo de vir aqui, porque se eu topar com o caixão de um defunto aí a carreira é feia.

Num é assim mesmo? <sup>2</sup>

O propósito daquela aparição não foi revelado. O narrador não definiu abertamente essa questão, e o mistério permaneceu. Esse caso não foi desvendado, contudo, outras recordações sobre a relação entre aparições de mortos e caixões nas estradas foram mencionadas por outros entrevistados, como foi o caso de seu Nivaldo Santos, irmão do seu Antônio. Após a conclusão da primeira entrevista com o decurião, seu Nivaldo, agricultor de 65 anos, foi entrevistado. Naquele contexto, ele também integrava o grupo de penitentes mencionado, e residia no sítio Brito, nas proximidades de Cabeceiras. Sobre aparições nas proximidades daquele lugar, ele contou sobre os mistérios de um caixão:

**Joaquim:** E por aqui tem alguma casa mal assombrada?

**Seu Nivaldo:** Tinha. Tinha uma casa velha depois da ponte. Essa que eu tava contando que vinha aquelas pessoas e chegava. O povo via umas cobras lá como quem fosse umas lavadeiras de fogo andando assim, cobra mesmo, como uma cobra mais só aquelas lavadeiras de fogo, ouvia era muita coisa ali. O povo via, o povo via.

**Joaquim:** Como era essa história dessa cobra?

**Seu Nivaldo:** O povo via aquele caixão, com aquela pessoa dentro. Lá. Aí o povo se assombrava com ele. Se tivesse alguma pessoa que chegasse perto pra olhar que era o caixão desaparecia. Desaparecia tudo de uma vez. Lá nessa casa, era mal-assombrada mesmo.

**Joaquim:** Era lá que aparecia a cobra?

<sup>2</sup>Entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 5-6.

**Seu Nivaldo:** Cobra do olho de fogo e quando o caba olhava pra ela muito, ela começava a pegar fogo e saia andando. Aí desaparecia.

**Joaquim:** E o que acontecia com quem via?

**Seu Nivaldo:** O povo se assombrava. Num tinha quem chegassem perto não. Tinha medo. Pois é.

**Joaquim:** E ela era grande ou era pequena, como era?

**Seu Nivaldo:** Grande, grande. O povo diz que era uma cobrona. Eu nunca vi não, mas muita gente já viu, ali. Via, agora não vê mais não que acabou-se esses exemplos. *Parece que tem o tempo marcado de a pessoa virar aquilo só naquele tempo. E o povo dizia que era um, uma pessoa que tava penando ali.* Só em ver o caixão com a pessoa dentro. A pessoa dentro mesmo, o caixão aberto e a pessoa dentro do caixão. Aí o caba corria. Se o caba chegassem perto pra olhar se era uma pessoa que tinha botado ali, desaparecia, o caixão. Tinha vez que a pessoa pegava gente nos braços. Caia. Dava um ataque do medo. Aí quando a pessoa via aquela pessoa ali pegava, era um conhecido. Aí quando a pessoa se acalmava, que tornava, aí dizia o que era que tinha visto. Mas o caixão não tava lá não. Muitas vezes, o povo pegava gente ali e levava pra casa:

— É fulano tá aqui, fulano deu um ataque.

Quando o caba levava pra casa dele, quando chegava lá ele contava o que é que tinha visto, por isso que tinha aquilo. O caba ficava com tanto medo que caia, desmaiava. Era assombração demais. Só em o caba ver um caixão ali de defunto com um defunto dentro. E o caba pensar:

— Será se foi alguém que deixou aqui? Eu vou olhar o que é.

E chegar lá e desaparecer? O caba cai homem.

**Joaquim:** E isso é algum sinal?

**Seu Nivaldo:** Num deixa mensagem nenhuma porque desaparece.<sup>3</sup>

A cobra é um signo mágico, tanto nas Escrituras cristãs, quanto nas tradições orais alusivas à morte e aos mortos. A título de exemplo, lembro como ao historicizar um núcleo de saberes e ritos agrários nos séculos XVI e XVII, na Itália, Carlo Ginzburg (2010) narrou sobre como as cobras eram associadas às almas dos sujeitos que morreram jovens. Não por acaso, nas memórias de seu Nivaldo, a narrativa sobre a cobra de fogo coaduna com as aparições de um caixão com um defunto dentro. E o mistério foi revelado quando o narrador indicou que se tratava de um morto que penava por lá. Nesse caso, a purgação de um infeliz em um espaço terreno se mostrava aos olhos dos vivos.

Conforme o narrador, parece que há um tempo específico dedicado aquela aparição. Ela se torna visível enquanto seu tempo de purgação está em execução. Desse modo, seu desaparecimento está atrelado ao cumprimento da sentença e a consumação dos exemplos, mistérios esses restritos a sabedoria e a ordem temporal de Deus.

No que toca aos caixões, outra narradora, a dona de casa e ex-feirante, lembrou uma experiência que desde sua infância lhe foi narrada:

O povo diz que ali na curva depois de Dom Quintino [no município do Crato], diz que tem lá uma curva muito perigosa. Diz que um tempo diz que, as pessoas via uma pessoa. Vamos supor, você ia aqui aí a pessoa mandava você seguir pra outro canto. Caía o carro, morria lá dentro. Porque num tem... você já foi pro lado de Farias Brito? Tem uma curva... Tem muitas coisas que podem ser verdade, mas também que podem ser mentira.

<sup>3</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p. 14-15. Grifo meu.

**Joaquim:** E o que as pessoas contavam sobre lá?

**Cida:** Que aparecia uma pessoa lá. Isso eu ouvia falar desde eu pequena. Que aparecia uma pessoa lá e mandava seguir. Dizem que tem uma procissão do caixão ali. É porque lá você, eu não sei agora né? Mas lá tem até uma barra de ferro fazendo aquela curva. (...) Tem assim um abismo bem grande. Aí diz que lá as vezes você vinha aí, no seu carro, aí aparecia uma pessoa, vamos supor, mandava você, se você ia aqui, mandava você ir assim, você caia na besteira aí caia lá dentro e morria. Eu ouvi falar desde eu pequena.<sup>4</sup>

Vale ressaltar que, um pouco antes desse fragmento da entrevista, ela abordou o caso de uma morta pedindo carona naquela mesma passagem. Segundo ela, essa história é comumente narrada em várias partes do Brasil. A pessoa do desvio não foi apontada, portanto, como um vivo, mas sim como um morto. Este desvia a rota dos viajantes para eles caírem no abismo da curva. Depois de comentar esse caso, Cida deu um indício do que poderia provocar aquelas aparições: lá também era o local no qual aparecia a procissão de um caixão. Em sua narrativa, este objeto está atrelado, portanto, às aparições de almas perigosas, já que elas confundem os vivos, provocando mortes intencionalmente. Essa não foi a única narradora a revelar tais significados.

No momento em que falava sobre as aparições de almas penadas, Maria José Inácio, doravante Maria do Horto<sup>5</sup>, como é conhecida, lembrou dois casos: o primeiro nas ruas da cidade de Juazeiro do Norte, o segundo na sua terra natal, o lugar onde morava antes de migrar para a cidade do Pe. Cícero, na década de 1980:

**Maria do Horto:** Ainda aparece, aparece como num dia desses do nada, vinha tarde da noite quase que se assombra né? Olhe, disse que ai nesse pau seco quando é meia-noite passa a rede *do caixão* *atravessado*.

**Joaquim:** Como é que é essa história?

**Maria do Horto:** Um caixão atravessado, ali, meia-noite em diante, se ver visagem menino! Um caixão atravessado [risos]. Aí tem gente que não tem medo de alma.

**Joaquim:** E o que acontecia com quem via o caixão?

**Maria do Horto:** Nada, nada, porque é alma ou passa ou volta. Ali é... Os mais velhos sabem contar coisa. Hoje em dia não tá aparecendo os exemplos, mas tá. Olhe, foi lá em meu lugar, muitos anos, eu tinha era quinze anos, um homem matou uma pessoa sem merecer, assim você sabe, briga de tentação. Aí ele ia comer, quando ia comer a poça de sangue, né. Aí estava emagrecendo, aí a família, aí ele disse, ele morreu seco. E ainda é mesmo hoje em dia, é porque é muita coisa e ninguém ver, né. Ele ia comer e via as coisas batendo, as bolas de sangue no prato, do homem que estava morto né meu filho?

**Joaquim:** Do morto na comida?

**Maria do Horto:** É do sangue que ele derramou né. (...) Morreu magro. É morreu de fome [pausa]. A família perguntou:

— Por que pai não come?

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p. 13-14.

<sup>5</sup> Para os romeiros do Pe. Cícero, a cidade de Juazeiro do Norte é sagrada, o meio do mundo, o lugar do retorno de Cristo a partir do *Milagre da hóstia*, envolvendo o Pe. Cícero e a beata Maria de Araújo, em 1889, ver Ramos (2012). O bairro Horto tem uma dimensão especial na geografia do sagrado em Juazeiro do Norte, sendo o espaço de morada de muito devotos e romeiros, já que a tradição religiosa diz que este é o lugar por excelência para a salvação dos fiéis, ver Pinho (2023).

E ele via mais não dizia só via as golfada de sangue. E Deus é o mesmo, foi no meu lugar na Estiva do Raposo.<sup>6</sup>

Quando esta entrevista ocorreu, em setembro de 2015, Maria do Horto tinha 72 anos. Ela também é conhecida como Maria dos Benditos, por elaborar benditos, cantar e fazer apresentações culturais. Na sua narrativa, o destaque foi dado ao sangue. Para Maria do Horto, o líquido minando na comida do assassino era uma providência ou manifestação do homem vitimado. Ao que tudo indica, os familiares do assassino não viam o sangue surgir na sua comida. Apenas ele o enxergava. Assim, não era a materialidade líquida que vinha à luz dos olhos de todos. Era, sim, uma visagem que era percebida unicamente pelo sujeito que ceifou a vida do vitimado, pois apenas o culpado foi atormentado. Impressionado com o caso, o homicida morreu seco, de fome, sem conseguir se alimentar. A vingança do morto é o ponto chave desse exemplo. E experiências semelhantes continuam acontecendo: “E ainda é mesmo hoje em dia, é porque é muita coisa e ninguém ver, né”, reforça a narradora.

Isso evidencia certa continuidade de uma crença antiga comumente partilhada por gente das elites e das populações mais pobres na Europa dos séculos XV e XVI, e urdida na composição do imaginário religioso brasileiro tocante os mortos vitimados de “morte matada” (assassinatos) ao longo da sua colonização. Como sublinha Jean Delumeau (2009, p.120-121), “Ainda no século XVII, numerosos juristas dissertaram sobre os cadáveres que se põem a sangrar em presença do assassino, apontando assim à justiça”. Naquele universo mental, uma visão animista do universo, conflui com um caráter oscilante da fronteira entre a vida e morte.

No bojo da questão, os poderes dos mortos são postos em relevo. Os vitimados denunciam aos vivos quais foram os responsáveis por suas mortes por meio do sangramento dos seus corpos mortos. Na experiência contada por Maria do Horto, é o prato de comida que denuncia, sendo usado pelo morto para fazer verter seu sangue e, com isso, não apenas exigir a justiça, mas sim, promovê-la com seu próprio sangue. Além deste caso, os mortos fazem usos de outras formas para denunciar seus agressores, como é o caso das experiências da natureza denunciante (Cascudo, 2006). Destarte, tais mortos não somente denunciam e assombram os assassinos. Eles também têm poderes para provocar suas mortes. Ao aproximar esses dois casos, portanto, a narradora os projeta nos exemplos do passado que, no presente, afirma a entrevistada, ainda aparecem, embora ninguém veja.

Esta última afirmação é indicativa à presença dos exemplos no tempo presente. Hoje em dia, eles continuam povoando o mundo, aparecendo, e ensinando aos vivos lições do tempo histórico e

<sup>6</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 22-23. Grifo meu.

enunciações do tempo eterno.<sup>7</sup> O problema, nesse sentido, recai no excesso. Residindo na polifonia do Juazeiro do Norte e convivendo com a velocidade do mundo contemporâneo, Maria do Horto afirma que quando “existe muita coisa”, as pessoas não veem as outras em virtude do número exacerbado de informações alcançadas diariamente. Nesses termos, o que outrora era visível pode se tornar invisível por conta do excesso, não necessariamente das aparições dos mortos, mas sim das muitas experiências anunciadas e vividas diariamente.

Isso sinaliza o próprio ritmo da entrevistada e da entrevista. Ela fala rapidamente como quem tem muito pra contar. Cruza frases e palavras. Misturas históricas. Entra em outros casos sem finalizar o que estava dizendo. Fala de forma apressada. Canta benditos rimados e por ela criados. E ao longo de toda a entrevista, ela fala para me convencer sobre a certeza dos mistérios de Deus e do tempo eterno, bem como sobre os poderes miraculosos do Pe. Cícero e dos espaços de Juazeiro.

Somando-se às narrativas sobre essas aparições visuais, alguns entrevistados mencionaram a procissão das almas. E teve narrador que não somente escutou dos idosos tais narrativas, como também presenciou o susto das pessoas:

**Joaquim:** E as pessoas falavam de uma procissão das almas. O senhor já ouviu falar?

**Seu Nivaldo:** Já sim. Já vi assim porque de primeiro o povo andava com, o povo enterrava gente de pé. Num tinha caixão, de primeiro né? Aí quando a gente dava fé lá vinha aquele meio mundo de gente com aquela rede assim num pau, bem amarrado, num pau e o povo trazendo. Quando um cansava o outro pegava. Aí quando uma vez meu pai morava ali pra cá, onde hoje é a capela, tu viu a capela ali? Onde hoje é a capela tinha uma palmeira ali torta virada pra estrada. Aí quando foi uma vez, nós estava lá no terreiro, aí muita gente lá no terreiro, aí com pouco lá vem aquele... *Umas dez horas pra onze horas, vinha aquele funaré.*

— Epa home, deixa eu levar um pouquinho.

— Eu vou levar, deixa agora é minha vez.

— Deixa eu levar um pouquinho.

— Após pega, leva, leva.

— Vamos chegar logo na rua [cidade] com esse defunto.

Só aquela alarida. Aí todo mundo correu pra estrada pra olhar. Quando chegou na estrada, vinha sem ninguém. Todo mundo correu com medo. A rede andando sozinha, com o defunto, no ar. Era uma assombração mesmo. Aí todo mundo se assombrô. A rede bem alvinha passou voando no ar e a gritaiada levando a rede. Só grito mesmo, as vozes. Num tinha quem não se assombrasse. Era a coisa mais feia do mundo.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Para Le Goff (1994, p.123), o *exemplum* é uma herança da antiguidade grego-romana, quando era entendido como uma historieta de caráter histórico dita como um argumento em um discurso persuasório. Ele era uma arma do orador político ou judiciário. E, posteriormente, tornou-se um instrumento a serviço da moral cristã. No período que corresponde entre os primeiros séculos do cristianismo, e o coração da Idade Média, o *exemplum* teve sua natureza e sua função alteradas. Ele deixou de concentrar-se na imitação de Jesus Cristo (que era o *exemplum* por excelência) e “passou a consistir numa narrativa, numa *história* que se devia tomar *no seu todo* como um *objecto*, um *instrumento de ensino e/ou de edificação*”.

<sup>8</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p. 16. Grifo meu.

Nos dicionários de língua portuguesa e nos usos cotidianos do Cariri, a palavra procissão designa um ritual, comumente religioso, no qual uma marcha, muitas vezes organizada por clérigos e seguida por fiéis, entoa orações e benditos. Entretanto, Seu Nivaldo apresenta a procissão das almas como um “funaré”. Contradicoratoriamente, na oralidade do Ceará, esse termo significa confusão, como a cratense Josenir Lacerda enfatiza no cordel *O Linguaçar Cearense* (S/D). Tal “esculhambação”, era promovida pelos mortos e realçada pelos vivos. Para construção desses sentidos, ele ressalta a reação que viu das pessoas e o que ouviu quando uma procissão tomou a cena em uma determinada situação:

**Seu Nivaldo:** E a nossa casa mesmo na beira da estrada e o povo tudinho contando. Meu pai contava história de trancoso. Ele contando história, aquele meio mundo de gente assistindo as histórias e o povo lia verso né, *de primeiro*. Aí aconteceu isso. Vinha essa alarida com esse caba morto numa rede descendo de Arajara pra Barbalha. Passou de frente lá de casa, onde hoje é a capela, lá vinha a zuada.

— Ei vamos chegar logo pra enterrar logo.

A meio mundo de gente como quem fosse umas vinte pessoas ou mais. Aí nós corremos. Todo mundo correu pra estrada. Eu era garotinho, de um negócio de onze anos, eu tinha uns onze anos nessa época. Aí ainda bem que eu era miudinho, o povo todo mundo correu foi na frente e antes de eu chegar lá, eu num vi né. Vi só o alarido, e a rede passando. Também eu num sabia se era alma que eu era pequeno. Num se assombrava com nada. A zoada do povo passado:

— Num é ninguém não é só a rede passando.

Correu. A rede passou sozinha, e as pessoas conversando e ninguém viu ninguém. Só a rede no ar. Aí foi uma assombração feia mesma. Eu mesmo não me assombrei porque na época eu não tinha entendimento de, assim de gente, mais se num contava a você, ao senhor, quando foi entrevistar ele porque num lembrava dessa. Porque essa daí foi verdade. A rede passou sozinha no ar, aí foi verdade [Silêncio]. Aí assombrou todo mundo.

**Joaquim:** E essa rede tinha uma cor, como era?

**Seu Nivaldo:** Era bem alvinha, a rede bem alvinha voando com o defunto dentro. E o caba via mesmo o jeito do defunto dentro da rede, bem alvinha, só a rede no ar.

**Joaquim:** E que tempo foi isso?

**Seu Nivaldo:** Isso foi em 50, 60, eu tinha 11 anos. Eu nasci em 49. 61. De 60 para 61. Esse negócio aí. Foi de 61. (...)

**Joaquim:** E as almas dessas pessoas que morriam nas estradas? As pessoas contavam sobre o que é que acontecia?

**Seu Nivaldo:** Eu acho que é sobre esse negócio que as pessoas via nas estradas, aqueles caixão com uns defuntos dentro através disso aí, né? Que o caba encontrava, via. Era uma alma mesmo ali. Ali era uma visagem, num era uma alma. Uma visão, uma visão, feio, ali, que desaparecia. E ninguém sabe se é alma não. Ninguém sabe o que é. É um exemplo. Ali aconteceu é um exemplo, um exemplo feio. Horroroso, exemplos que assombram as pessoas.<sup>9</sup>

Seu Nivaldo, na época um garoto com cerca de 11 anos, não viu a rede passar, mas ouviu o alarido provocado na ocasião pelos mortos na condução do objeto e pelos vivos assustados com o que viam. Tal qual foi por ele mencionado, até meados do século XX, nos espaços rurais do Cariri, os sepultamentos dos corpos mortos ocorriam sendo eles levados em rede de dormir, aspecto este reconstruído nas memórias de muitos narradores e também presente em muitos escritos sobre as

<sup>9</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 16-17. Grifo meu.

tradições fúnebres no Brasil de outrora (Santos, 2021; Araujo, 2004). Assim sendo, os objetos usados pelos vivos nos sepultamentos eram, igualmente, usados pelos mortos nas aparições assombrosas.

No início do século XXI, Sandra Nancy Bezerra (2011, p.77) registrou memórias sobre a procissão de almas na comunidade de Cabeceiras. Dentre os entrevistados daquele momento, o decurião Joaquim Mulato (*in memoriam*) relatou que nunca viu tal procissão, mas que outros conhecidos seus a avistaram. Ele a descreveu como um cortejo de almas brancas, cabisbaixas e que seguia rezando. Contudo, ninguém conseguia compreender o que diziam ou rezavam. Suas vozes eram incompreensíveis, embora fossem auditíveis.

As memórias que gravei no diálogo com Seu Nivaldo, em 2015, distanciam-se da narrativa de Joaquim Mulato. Seu Nivaldo fala de almas invisíveis cujas vozes eram facilmente por ele escutadas e compreendidas. Elas gritavam palavras e expressões concernentes ao desejo e à pressa para o enterro do corpo do morto. Nas narrativas destes dois penitentes, a cor da aparição é semelhante, branca, mas sua forma é distinta: enquanto Joaquim Mulato fala da imagem do cortejo das almas visíveis, seu Nivaldo pronuncia a visualidade da rede com o defunto e a invisibilidade dos mortos.

Essas divergências projetam para a cena deste escrito, entre outras questões, a singularidade da narrativa e do narrador. No meu entendimento, pelo fato de Seu Nivaldo descrever esse cenário com detalhes, a forma de contar ganha relevância tal qual o que é contado. O entrevistado enfeita a narração, reproduz as vozes das almas, indica o momento noturno, lembra do público ouvinte, e do que era dito e lido naquelas ocasiões. Ele constrói subjetivamente o tempo da narração.

Isso faz lembrar como, em alguns casos, há momentos para se contar histórias. Pois como assegura Alessandro Portelli (2004), elas assumem características específicas dentro do contexto da narração. Seu Nivaldo se refere a uma temporalidade diferente: “de primeiro”, como ele a define. De ouvinte, ele se torna um ator e se insere nas tramas sobre causos e assombrações da comunidade à qual pertence.

Simultaneamente, o narrador evidencia como na atualidade a forma de contar é diferente, segue situações distintas, como aquela na qual nos encontrávamos: diferente de narrar para crianças, ele contava para um pesquisador ansioso para ouvir histórias de almas. Dessa forma, minha presença na ocasião da sua narração estabelece uma diferença significativa, bem como o fato de eu me dirigir ao seu encontro, ligar o gravador e pedir para ele contar suas memórias. No mesmo momento em que afirma como os outros “de primeiro” desconheciam aquela visão, ele a define hoje como um exemplo horroroso: tratava-se de mortos antes do tempo (do chamado de Deus), em virtude das mortes nas estradas.

Seu Nivaldo lança luz para a interpretação da experiência, evidencia a vontade de prender minha atenção, respondendo ao que ele pensava que eu esperava ouvir. Dessa maneira, esse entrevistado uniu os mortos nas estradas às procissões das almas, diferentemente de outras narrativas e narradores. Afinal, como ensina Portelli (2016, 2013), a história contada é algo vivo, um trabalho em reelaboração no qual os narradores examinam a imagem do seu próprio passado enquanto falam e vivem. Desta maneira, ela é parcial, provisória e aberta.

O passado que se abre no presente de forma parcial e dinâmica também foi percebido em outras memórias e visualidades sobre os mortos. Recordações sobre o fogo corredor alumiam a imaginação e o imaginário dos narradores, ganhando espaço na arte da escuta e da relação que vivi com os entrevistados. Eis as memórias de Seu Antônio:

— Agora o fogo corredor tem ali pro senhor vê em qualquer hora. Tem gente que viu. Tem o dia. O fogo corredor. O fogo corredor é assim: o fogo sobe azulzinho, bonitinho. Eu num vi só, todo mundo aqui das Cabeceiras já viu, os mais velhos. Aquele fogo sobe ai no pau e desde naquelas grotas. Aí sobe e desce. Um dia eu fui amarrar os animais lá, eu e meu pai, eu nunca tinha visto não. Aí só vi o fogo subindo e descendo. Eu disse:

— Papai, oxente aquele fogo ali subindo e descendo no pau, e desce e sobe, e é um fogo diferente.

— Parece que era um fogo assim verde, que era azul. Mas eu era menino, garotinho, chamei foi, era azul. O fogo, na minha vista, ele era verde. Eu, no pensamento meu, mas era azul. Aí ele disse:

— Ali é o fogo corredor meu fi, mas deixe pra lá. Nós vamos sair devagarzinho. Se nós correr ele corre atrás.

— Eu disse:

— Será?

— Ele disse:

— É.

— Aí nós saímos devagarzinho e ele ficou lá, não buliu com nós.

— Fomos um dia Zé de [?], tava na casa de [?] aqui. Aí foi quando chegou lá no rio tava o fogo corredor. Ele vai e bota o cavalo pra correr. Aí o vento chama. Aí correu atrás dele. Aí terminou quando ele chegou em riba, no alto, o cavalo cansou um pouquinho, não podia subir na carreira, ele pulou do cavalo no chão. Aí também não pode correr nadinha não, caiu logo também. Aí o fogo parou lá eles caíram. O fogo parou longe dele, num foi perto dele não. Porque não pode correr. Do fogo corredor, não pode correr, se correr o vento chama, o vento chama né. Existe o fogo corredor, existe.

— **Joaquim:** E onde era que aparecia esse fogo corredor?

— **Seu Antônio:** Eu acho que tá com, eu num sei se tá com uns cinco anos que eu cheguei e vi ele subindo aculá. Só desce e subindo.<sup>10</sup>

Esse narrador não foi o único a falar sobre o assunto. Maria do Horto me respondeu quando a pergunta foi lançada:

— **Joaquim:** E a senhora já ouviu falar no fogo corredor?

<sup>10</sup> Entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 9.

**Maria do Horto:** Ave Maria! É duas bolas! Já vi meu irmão! Ave Maria!! É dois, compadre com comadre que bate assim, olha [gesticula com as mãos demostrando o choque entre elas]. É difícil ver, né.

**Joaquim:** Como é que é o fogo corredor?

**Maria do Horto:** É duas bolas de fogo batendo assim, saindo faísca, é compadre que é amigado mais comadre, triste!

**Joaquim:** É alma é?

**Maria do Horto:** É! É alma perdida.

**Joaquim:** Como é que é isso ai?

**Maria do Horto:** Olhe duas bolas de fogo batendo, as bolas saindo faísca por todo canto, só Deus né meu filho.

**Joaquim:** São duas almas de compadre, mas por quê? Por que morreram?

**Maria do Horto:** Não porque viviam, compadre mais compadre não pode se amigar não. Ah, não pode se amigar, só isso. Lá sempre os velhos via... só é meia noite né. É difícil ver.

**Joaquim:** E hoje ainda aparece para as pessoas verem?

**Maria do Horto:** Ainda aparece, aparece como num dia desses, do nada, vinha tarde da noite quase que se assombra né, olhe, disse que ai nesse pau seco quando é meia noite passa a rede do caixão atravessado.<sup>11</sup>

Segundo Maria do Horto, o fogo corredor é composto por duas almas perdidas, uma de um homem e a outra de uma mulher. Elas se chocam entre si ao ponto de saírem faíscas do atrito. Isso é um indício de uma coexistência tensa, conflituosa e indesejada, bem como sofredora para ambos. Mesmo assim, são indissociáveis. Nas memórias da narradora, há uma razão para isso. Como ela explica, um compadre e uma comadre não podem “se amigar não”. A expressão “se amigar” e o termo “amigados” são usados na região para demonstrar uma relação amorosa. Significa, sobretudo, ter relações sexuais sem o matrimônio, viver amasiado, também chamados de amancebados. Nesses termos, tal fogo é resultante da vida sexual ilícita.

Há, nestas aparições, um ensinamento. O laço do compadrio não pode ser rompido, quebrado. Ele é eterno aos olhos de Deus. A relação sexual entre os sujeitos interrompe o laço fraternal e sagrado, pois a fornicação é pecaminosa e extremamente ofensiva àquela tradição religiosa. Como resultado da desobediência e da afronta ao laço sagrado, eles são punidos depois de mortos, segundo a lógica do merecimento.<sup>12</sup> Assim, se na vida eram amasiados, depois da morte se confrontam ardendo no fogo, presos num tempo de sofrimento, no espaço terreno. E os narradores nada falaram sobre o fim das suas penas. Segundo Cascudo (2012, p.116), as narrativas sobre fogo corredor seguem a longa tradição dos mitos de transformação. Também chamado “fogo do compadre com a cumadre”, ele foi descrito como “uma tocha única que funde as duas almas pecadoras porque o compadrio é um título de sangue fraternal, indissolúvel”. Trata-se dos mitos de transformação, operados como punitivos em virtude do

<sup>11</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 22.

<sup>12</sup> Sobre a lógica do merecimento, ver Ramos (2012) e Santos (2021).

pecado, como outrossim é o caso do Lobisomem, filhos de incestuosos, e da Mula sem Cabeça, punição aos sacerdotes por sua amásia.

Tais quais outras aparições já explicitadas, Maria do Horto demonstra como há dificuldades para ver o fogo corredor. Ou seja, existem elementos inexplicáveis nas aparições. E, mais uma vez, a noite é apontada como sendo a circunstância por excelência, o momento adequando para ver. Além das especificidades temporais das almas, levando em consideração seu estado de purgação e cumprimento das penas no mundo terreno, promovidas pelos pecados cometidos em vida e/ou por morrerem antes do tempo do chamado de Deus, as aparições dos mortos também são relevantes quando olhamos para o tempo natural. Entre o dia e a noite há singularidades nas memórias dos entrevistados.

Como foi apresentado em variadas narrativas, os mortos aparecem, principalmente, durante as noites. Na dinâmica do tempo natural, este parece ser o momento por excelência para o sujeito se deparar com as visualidades das almas, bem como com as “coisas” nas quais eles se metamorfoseiam. Muitos dos entrevistados consideram isso tão natural que não há a necessidade de explicar. À noite é o tempo comum das visagens, principalmente depois das 22h, tendo destaque à meia-noite.

Na construção mental e cultural do medo da noite, urdida numa longa duração no mundo cristão ocidental, Delumeau (2009) elucida como aquele momento sem luz ocupou o lugar no qual os inimigos do homem organizavam suas tramas, sejam relacionadas ao aspecto físico e/ou moral. Medos *na escuridão* e *da escuridão* foram paulatinamente urdidos, e se sobrepuiseram, descortinando *perigos objetivos* e *perigos subjetivos*. Delumeau enfatiza como a Bíblia Sagrada já definira simbolicamente os destinos entre a vida, luminosa, e a morte, escuridão, sendo esta última, marcada pela presença de animais maléficos (*Sl 104, 20*), pestes tenebrosas (*Sl, 91,6*), homens adúlteros, ladrões e assassinos (*Jó, 24,13-17*). Para salvação, há necessidade da luz divina. Na tradição cristã, o inferno é o domínio das trevas (*Sl 88,13*). Vale frisar ainda que, na Europa do começo da Idade Moderna, os aspectos negativos da Lua eram cúmplices dos malefícios da noite.

Culturalmente, o tempo noturno é o momento propício para as manifestações das forças do além, para a visibilidade e escuta das manifestações dos mortos errantes, e para sentir o medo arrepiar a pele, secar a boca e fazer tremer e correr. Enquanto alguns dos narradores teimam em dizer que as almas e os mortos continuam no mundo, circulando, adejando os lugares nos quais morreram ou aparecendo inexplicavelmente, outros, afirmam o desaparecimento das aparições visuais. E explicam isso. Foi o que ocorreu na entrevista realizada com seu Luiz André, um agricultor aposentado de 73 anos, integrante do Terço dos Homens e da Irmandade do Santíssimo, no município de Porteiras, na Chapada do Araripe. Ao se reportar a dois momentos do passado no qual se deparou com luzes e visagens nos caminhos rurais da Chapada, ele contou:

**Luiz André:** Véi, eu já vi, eu já vi, agora, eu já vi, eu já vi. Mas se [risos], eu num acredito não. Mas eu já vi.

**Joaquim:** E o que foi que o senhor viu, como foi?

**Luiz André:** Ó uma vez eu cheguei com meu irmão do corrente, era assim umas onze horas da noite. A lua quilara que nem o dia. Aí nós chegemos e tiremos as celas dos animais.

**Joaquim:** O corrente que o senhor fala é de que município?

**Luiz André:** É de Jardim, de Jardim. Ai nós chegemos assim umas dez e meia, onze horas, e fomos tirar as celas dos animais. Ai lá tinha um caminho que descia assim, que ainda hoje desce. Desce assim e nós ia por aqui. Aí era assim numa ribanceira. Aí eu vi descer aquele branco, aí a uma pessoa né. Eu digo:

— Ô Zé (que era zé meu irmão).

Ele disse:

— Oi.

— O piquinino vai buscar água, olha ele descendo ali.

Piquinino era o pai desse Valdeir aí. Eu digo:

— Oxem Zé. Piquinino vai buscar água essa hora?

Ele disse:

— Oxe, ele não é doido não.

— Pois lá vai ele descendo aculá.

De noite, só a pessoa caminhando todo de branco né. Aí Zé disse:

— Cadê?

Eu disse:

— Lá vai ele descendo.

Zé disse:

— Não, eu não tô vendo não.

Eu digo:

— Oxente, ele vai descendo homem. Ele sai já aí no pé de jaca.

Aí Zé disse:

— Apôs se for ele, vamos esperar ele aqui.

E esse vulto num chegou lá embaixo não. E Zé num viu não. Só quem viu foi eu. (...) tava só nos dois. E Zé num viu não. Só quem viu foi eu.

**Joaquim:** Faz muito tempo?

**Luiz André:** Faz tempo [gesticula com as mãos]. Faz tempo, foi em 52.

Outra vez, eu estava num forró lá na casa do teu avô, Gonzaga Gomes, lá no Celeiro. Isso um mês de maio. Eu fui mais um colega, ai chegemos lá e, num mês de maio. Escuro, neblinando, aquela neblina. Joaquim [meu pai] é que era o sanfoneiro. [Risos]. Cheguei lá e me entreti a dançar e o colega tinha uma namorada que morava lá nos manãs [ ? ]. Aí ele disse:

— Eu vou pra casa de minha namorada.

Aí foi pra lá. E de lá foi se embora, e eu fiquei sozinho lá na casa de Gonzaga, lá embaixo no Celeiro. Quando o forró terminou, aí tava Joanhinha Tomé, sabe quem é Joanhinha Tomé? Tava Joanhinha Tomé, e uma filha de Neco Virgino, que é a primeira mulher de Dom João. Chamava Teresinha. Essa Teresinha era filha de Neco Virgino. Aí ela era uma professora e tava ensinando lá na casa de Juvenal Marroque. Aí tava lá nesse forró. Aí quando terminou o forró véi, que eu cacei o colega, cadê? Eu digo:

— Eita do Celeiro pra o Jatobá em? Esse negócio assim de onze pra doze horas. Um escuro, escuro e neblinando, aquela neblina. Eu digo:

— Mas menino, eu ir sozinho pra aculá. Agora só esbarrar em alma, no guará [risos].

Aí Joanhinha Tomé mais Teresinha disse:

— Eita Luiz eu vou mais tu. Eu digo:

— Bora.

Eu digo:

— Ói, pelo menos tem uma companhia até no meio da estrada, tem duas companhia, duas moça né. Aí tá bom.

Aí subimos. Nem uma queira ir na frente, e nem queira ir atrás

**Interrupção da entrevista** [toque do celular do narrador].

**Luiz André:** Aí nós saímos aquele bolo. [Interrupção: o narrador atendeu o celular e parou a entrevista por cerca de três minutos].

**Luiz André:** Pois é, que nem eu ia contando [silêncio]. Aí quando nós chegamos ali na casa do finado Pedro Evangelista. Aí nós vinha na vareda, tinha uma vareda, que a gente dizia que

ia sair por dentro assim, lá na gruta do velho João Bernardo, pra vir na estrada que vem da Prata. Nós entremos na vareda lá, no caminho, quando nós chegamos na estrada que vem da Prata, aí um vulto, na minha frente. Nós três nós vimos, nós três. Aí eu tinha uns colegas que era Luiz Basílio e Joca Bernardo, Chico Basílio, cada cá tinha umas namoradas pra cá, e eu caminhando, o vulto na frente nossa, e nós três vimos o vulto. E eu chamando:

- ô Chico Basílio, ô Joca Bernardo, ô Luiz Basílio espera por eu.

Nada, quando nós desemos o alto assim que foi pra atravessar a gruta, que o povo dizia a gruta de João Bernardo, nós desendo, desceu que subiu, desapareceu, o vulto num subiu lá.

**Joaquim:** E estava acompanhando vocês, esse vulto?

**Luiz André:** Não ia na frente. E eu atrás. Foi a coisa que eu vi. Foi a coisa que eu vi.

**Joaquim:** E tinha cor, esse vulto?

**Luiz André:** Era branco. Era todo de branco. Ai quando esse vulto desceu pro riacho, desceu a ribanceira pra chegar no riacho, pra subir a outra ribanceira lá. Num subiu lá não. No riacho desapareceu. Aí também foi a coisa que eu vi. Foi os dois vultos que eu vi.

**Joaquim:** E as pessoas diziam que esses vultos eram almas?

**Luiz André:** Diz que era alma.

**Joaquim:** E ainda hoje aparece essas coisas por lá?

**Luiz André:** Aparece não. Aparece não porque o mundo tá girando. O mundo tá descoberto.

**Joaquim:** Como assim?

**Luiz André:** Porque naquela época num é que nem hoje. Hoje olhe: você não pode sair mais daqui de Porteiras lá pra onde eu moro, lá pro Jatobá, dez horas da noite, num pode sair porque tem mal elemento na estrada. Tem gente, tem gente pensando que o caba tem dinheiro, chega bem aí, toma. E num pode, hoje num pode a gente hoje num pode dizer que vive livre não. Naquela época, naquela época olhe, eu saia de Jardim, nessas épocas eu saia de Jardim era com um pão de dinheiro, agora que hoje é... Naquele tempo era dinheiro. E eu saia de noite, oxe, não tava nem aí. Saía hoje! Saía hoje. Ó se o caba souber que, vamos supor, eu sou um negociante e vou lá pro Jatobá. O caba diz:

— Oxente, Luiz tá com dinheiro, recebeu, vamos pastorar ele ali. É por isso que eu digo assim: olhe, hoje não existe mais alma [Silêncio]. Porque o mundo está furado. O mundo tá furado. Hoje tem mais mau elemento do que alma. Esses elementos mais antes fosse alma. Que alma não mata ninguém e nem engole e nem nada não. Agora um mau elemento mata, rouba, faz tudo o que num presta. Mais antes esses elementos fosse alma [Risos].<sup>13</sup>

Um mundo girado, descoberto e furado compõe a ordem da interpretação de Seu Luiz André. O desaparecimento das visagens das almas na contemporaneidade está atrelado à ascensão das outras formas de medo coletivamente construídas. A violência, o temor dos assaltos noturnos nos caminhos rurais e a inversão de valores do mundo moderno colocam em evidência um mundo furado para os vivos e para os mortos. As almas não assustam como antes. Aqui, há uma leitura mais ou menos diferenciada daquela apresentada por outros narradores: no mundo descoberto, os mortos promovedores de desastres e assombrosos não têm lugar.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias e narrativas orais que registrei e analisei neste estudo apontam a força persistente das crenças em torno das aparições visuais dos mortos Cariri cearense, suas atualizações e questionamentos perante as demandas e as especificidades da contemporaneidade. A partir da escuta das memórias e dos enredos narrativos construídos por quem testemunhou e/ou ouviu contar

<sup>13</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo, Porteiras. p. 7-9.

experiências sobre as aparições visuais dos mortos (visagens, caixões, procissões de almas e fogo-corredor), é possível compreender como eles não são lembrados apenas como ausências, mas sim como se afirmam enquanto presenças atuantes, capazes de atravessar fronteiras entre o mundo visível e o invisível. Longe de representarem meras superstições, essas experiências compõem um **sistema de sentidos e sensibilidades** que articula dimensões morais, religiosas e pedagógicas (Santos, 2017).

Nesse universo simbólico, a morte não é concebida como ruptura definitiva, mas sim como uma passagem permeada por **temporalidades múltiplas**. Ao assumirem funções exemplares — advertindo, castigando, confundindo ou protegendo — os mortos se convertem em mediadores, atualizando valores e práticas religiosas. Se, por um lado, alguns narradores apontam o desaparecimento das visagens diante de um “mundo descoberto” e “furado” pela violência moderna, por outro, muitos reafirmam a atualidade das aparições, ainda que invisíveis para a maioria. Essa tensão entre presença e ausência, continuidade e transformação, indica que as crenças não se extinguem, mas se adaptam, sendo ressignificadas frente aos desafios da atualidade. Cada narrativa, ao mesmo tempo em que transmite o medo e o espanto, reafirma a presença contínua de um **imaginário religioso que ancora o cotidiano e organiza a experiência da comunidade emocional**. Conforme sublinha Portelli (2016, 2013, 2004), a oralidade é mais do que registro de fatos: é reelaboração viva do passado no presente, no qual narradores interpretam, performam e ressignificam as experiências. As memórias analisadas não apenas registram acontecimentos cotidianos, mas também apontam modos de **construção de sentidos e sensibilidades compartilhadas socialmente**, em que os mortos articulam ensinamentos de vida, normas sociais e percepções sobre justiça, pecado e salvação.

Em síntese, ao analisar a vitalidade das narrativas sobre mortos visíveis no Cariri, percebo como eles continuam a desempenhar funções essenciais no imaginário e na sensibilidade dos narradores e de suas comunidades. Mais do que assombrar, eles **ensinam, regulam e advertem**, reafirmando a centralidade das tradições religiosas na construção de sentidos para a vida e a morte. A história da morte, do morrer e dos mortos é um campo fértil de pesquisa que pode descortinar, mediante investigações a partir das memórias e narrativas orais, experiências profundas e significados singulares perante os mistérios da morte e dos mortos.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Alceu Maynard. Folclore Nacional III. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Folclore no Brasil. 3 ed. São Paulo: 2012.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura oral no Brasil. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.
- DELUMEAU, Jean. História do medo no ocidente (1300-1800): Uma cidade sitiada. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FREIRE BEZERRA, Sandra Nancy Ramos. Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do Cariri. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) –Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- GOMES FILHO, Francisco Wellington. Casas assombradas: aparições dos mortos entre o Ceará e Portugal. Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer. Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, e13217, jul./dez. 2025.
- GINZBURG, Carlo. Os andarilhos do bem: Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI-XVII. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HARTOG, François. Regimes de historicidade: Presentismo e experiências do tempo. Tradução Andréa Souza de Menezes et al. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- LACERDA, Josenir. O linguajar cearense: O dicionário de cearenses em cordel. Fortaleza: Tupynanquim Editora, S/D.
- LE GOFF, Jacques. O imaginário medieval. Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: Escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra J.; LANGUE, Frédérique (Orgs.). Sensibilidades na história: Memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007, p. 09-11.
- PINHO, Maria de Fátima de Moraes. Horto do Padim Ciço: narrativas, imaginários, intervenções. Sobral: SertãoCult, 2023.
- PORTELLI, Alessandro. A história oral como a arte da escuta. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- PORTELLI, Alessandro. A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: Ética, memória e acontecimento na História oral. Tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013.
- PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: Funções do tempo na história oral. In: FENELEON, Déa et. al. Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho D’água, 2004.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: EDUFC, 2012.

REIS FILHO, Lúcio; RODRIGUES, Claudia; SANTOS, Cícero Joaquim dos. Assombrações, catolicismo e 'não morte' nas narrativas do Corpo Seco. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 14, p. 29-68, 2022.

SCHMITT, Jean-Claude. Os vivos e os mortos na sociedade medieval. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Rumores de lá e de cá: narrativas sobre aparições dos mortos no Cariri cearense. In: Antônio Iramar M. Barros; Raimundo N. R. Souza; Raimundo A. de Araújo. (Org.). Nas trilhas do sertão: escritos de cultura e política do Ceará. Sobral-CE: SertãoCult, 2024, v. 8, p. 185-204.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Os mortos nas fronteiras do tempo: narrativas de católicos do Cariri cearense. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 14, p. 177-201, 2023.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. As viagens das almas: narrativas de católicos da região do Cariri/CE. *Revista Historiar*. Sobral, v. 15, p. 115-130, 2023.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Cruz da Rufina: história e tradição oral. Curitiba: CRV, 2021.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. A mística do tempo: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE. 2017. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Quando os mortos invadem os sonhos dos vivos: história e contemporaneidades. *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 438-455, jul./dez. 2017.

SARAIVA, Andréa. Orélio cearense: Dicionário romanceado e ilustrado de termos e expressões do palavreado do Ceará. 4 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.